

O FEMININO NA ARTE DE ALENCAR

Regine Limaverde

José Martiniano de Alencar, alcunhado de Cazuza, em criança, era filho de um padre de mesmo nome e de sua prima Ana Josefina de Alencar com quem mantinha, segundo o próprio Martiniano (pai), uma união ilícita e particular. Nasceu em Messejana, Ceará, a 1º de maio de 1829 e faleceu em 12 de dezembro de 1877, com 48 anos, portanto há 132 anos. Como seu pai, foi político, sendo deputado pelo Ceará em quatro legislaturas (entre 1861 e 1877) e ministro da Justiça sob a presidência do Visconde de Itaboraí de 1868 a 1870. Foi reconhecido por Machado de Assis como “o chefe aclamado da literatura nacional”. Morou muitos anos no Rio de Janeiro e é sobre a sociedade carioca que ele discorre em seus romances urbanos (Cronologia...2007, p.17).

José de Alencar foi considerado o principal romancista romântico. Mas o que foi o Romantismo? Foi um movimento artístico, político e filosófico surgido nas últimas décadas do século XVIII na Europa que perdurou por grande parte do século XIX. Caracterizou-se por uma visão de mundo contrária ao racionalismo, que marcou o período neoclássico, e buscou um nacionalismo que viria a consolidar os Estados nacionais na Europa. No Romantismo o espírito romântico é centrado no indivíduo. Os autores românticos retratam o drama humano, os amores trágicos, os ideais utópicos e o desejo de escapismo. Cito alguns autores e trechos de suas obras : Gonçalves Dias- Canção do Exílio : “minha terra tem palmeiras,/ onde canta o Sabiá; as aves que aqui gorjeiam ; não gorjeiam como lá//” ; Álvares de Azevedo- Anjinho : “Não chorem !que não morreu/ Era um anjinho do céu/que um outro anjinho chamou!/ Era uma luz peregrina ,/ era uma estrela divina/ que ao firmamento voou”//; Castro Alves- à atriz Eugênia Câmara: “Hoje estamos unidos a adorar-te/ tu és a nossa glória, a nossa fé/ Gravitare para ti é levantar-se,/ Cair-te às plantas é ficar de pé//”). Todos esses poetas, e os romancistas : Joaquim Manuel de Macedo (autor de “A Moreninha” e “O Moço loiro”), Franklin Távora (de “O

Cabeleira”) e o nosso José de Alencar (autor de “Iracema”, “O tronco do Ipê” e “O Guarani”, dentre outros romances).

O início do século XIX foi marcado pelo lirismo, subjetividade, emoção e pelo eu. No Brasil, o romantismo coincidiu com a sua independência política em 1822, com o primeiro Reinado, com a guerra do Paraguai e com a campanha abolicionista.

De acordo com o tema principal os romances românticos no Brasil são classificados como indianistas, urbanos ou históricos e regionalistas e é assim que é classificada a obra de José de Alencar. Nos romances urbanos eram descritas a vida na capital e as particularidades da vida cotidiana da burguesia. Nesses, eram feitas críticas à sociedade através de situações corriqueiras, havia alusão aos casamentos por interesse ou a ascensão social a qualquer preço. Um exemplo de romance urbano é “Senhora”, de Alencar. Nos indianistas, o índio era o foco da história, uma vez que era considerado uma autêntica expressão da nacionalidade, da pureza, representando o homem não capitalista, não corrompido pela sociedade. Também havia a descrição dos costumes e da linguagem indígena. Um exemplo de romance nessa fase é “O Guarani”, ou “Iracema”. Por fim, nos romances regionalistas havia uma proposta do autor na construção do texto valorizando as diferenças étnicas, linguísticas, sociais e culturais distanciando o povo brasileiro do Europeu e caracterizando assim uma nação. Um exemplo de um romance regionalista de Alencar foi “O gaúcho”, sobre o qual Flávio Loureiro Chaves escreveu, numa edição especial, publicada pela SECULT – CE, em 2006: “O Gaúcho, publicado em 1870, no apogeu do Romantismo e da ficção heróica, poderá não ser um bom romance por todas as razões que procurei examinar; não obstante instaura uma tradição literária- esta que ao longo do tempo toma o gaúcho como tema literário, idealizando-o e mitificando-o.”

“Lucíola”, um dos livros sobre o qual falarei, considerado um romance urbano, é o nome de um dos romances de Alencar, publicado em 1862, e se passa no Rio de Janeiro, onde o escritor morava. “É um romance que pode ser lido como uma história de um grande amor, mas é importante ressaltar que os movimentos usados para contá-la dão ao texto outra dimensão - a de recompor uma trajetória voltada para a compreensão do sentimento, do outro, do mundo que cerca as personagens e também da literatura (Marco, 1991, p.10)”.

Trata-se da narrativa de um jovem pernambucano que chegara ao Rio para estudar e se depara na chegada com uma visão que o encantou: uma mulher linda que o impressionou por seu sorriso triste. A moça estava num carro que desfilava na rua e deixou seu leque cair. Ele prontamente o entregou e prendeu nos seus, os dedos da moça. Mais tarde, soube por um amigo, chamado Sá, que a moça era uma cortesã. E dela desejou se aproximar. O romance gira em torno do encontro de Lucíola com Paulo, o narrador da estória.

Lucíola era muito jovem e requisitada. Os homens a bajulavam e a adoravam por sua beleza e juventude. Cunha, um amigo, que já tivera um caso com Lucíola, a descreve como uma mulher depravada, voluntariosa, cheia de caprichos. - “Nunca lhe faltam amantes; sei de grandes fortunas no Rio de Janeiro que se dariam por felizes se ela se decidisse a arruiná-las.” Mas... pouco a pouco, Paulo conhece a criança que está sob aquela capa de mundana e constrói um sonho em cima de sua história. Maria da Glória, seu verdadeiro nome, era uma mulher que carregava no ventre e na mente uma culpa que a fazia triste. - “Vendo esta água tão clara toldar-se de repente, pareceu-me que via minha alma; e acreditei que ela sofria como eu quando os sentidos perturbam a doce serenidade de minha vida. Depois de uma pausa, continuou: Veja, a lama deste tanque é meu corpo: enquanto a deixam no fundo e em repouso, a água está pura e límpida!” Sobre a culpa, Nietzsche in “Genealogia da Moral”, diz: “O estado de pecado no homem não é um fato, senão apenas a interpretação de um fato, a saber : de um mal estar fisiológico, considerado sob o ponto de vista moral e religioso. O sentir-se alguém culpado e pecador não prova que na realidade o esteja, como sentir-se alguém bem não prova que na realidade esteja bem”. Ou Antero de Quental quando escreveu *Mea culpa* in “Sonetos” : “A natureza é minha mãe ainda./ é minha mãe... Ah se eu à face linda / não sei sorrir, se estou desesperado;/ Se nada há que me aqueça esta frieza;/ Se estou cheio de fel e de tristeza../ é de crer que eu só eu seja o culpado”.

No livro, Alencar faz alusão à “A dama das camélias”, romance de Alexandre Dumas Filho muito em voga na época, que tinha como enredo a vida de uma prostituta muito cobiçada de Paris, Marguerite de Gautier, que se apaixona por um estudante de direito chamado Ar-

mand Duval. A obra foi ambientada na Revolução de 1848, na França, e Armand pertencia a uma família aristocrática de Paris do século XIX. O romance tem cunho autobiográfico uma vez que, Dumas se inspirou em suas próprias relações com a cortesã Marie Duplessis e ainda no fato de ser, ele próprio, filho ilegítimo de Alexandre Dumas. Experimentando a rejeição encontrou ao lado da amante a estabilidade que necessitava e que veio a ser-lhe o mote para o romance.

Ao lê-lo, Lucíola, reflete-se no personagem do romance citado, para explicitar diferenças entre ambas e, portanto, para conhecer melhor a si mesma e o mundo em que vivia.

Lucíola era uma mulher infeliz, culpada, sentia nojo de seu corpo, não queria nutrir amor por ninguém – “Aborreço o fingimento: não gosto de passar pelo que não sou. É tão ridícula essa comédia do amor que representam os velhos e os meninos!” Segundo Erich Fromm (1987) p.60, “o amor tem dois significados, dependendo de se falar dele no modo ter ou no modo ser. Pode-se ter amor? Se pudessemos ter amor, ele deveria ser uma coisa, uma substância que pudessemos ter, possuir, adquirir. A verdade é que não existe algo como amor. Amor é abstração, talvez uma deusa ou ser estranho, embora jamais alguém tenha visto essa deusa. Na realidade existe apenas o ato de amar. Amar é uma atividade criadora. Implica cuidado, conhecimento, ajuste, afirmação gozo: a pessoa, a árvore, a pintura, a idéia. Significa trazer à vida aumentar a vida. É um processo, auto-renovador e auto-crescente.” Mas, contrário a Erich Fromm, Camões afirmava que “Amor é fogo que arde sem se ver/ É ferida que dói e não se sente/ É um contentamento descontente; é dor que desatina sem doer.// É um não querer mais que bem querer; É solitário andar por entre a gente; É nunca contentar-se de contente; É cuidar que se ganha em se perder; // É querer estar preso por vontade; É servir a quem vence, o vencedor; É ter com quem nos mata lealdade.// Mas como causar pode seu favor /nos corações humanos amizade, / Se tão contrário a si é o mesmo Amor?”

Nossa personagem Lucíola era um poço de infelicidade. “O que sou eu?..O que é este corpo que lhe mostrei há pouco e que lhes tenho mostrado tantas vezes! O que vale para mim? O mesmo, menos ainda, do que o vestido que despi; este é de seda e custou o que não custa

uma das minhas noites! Oh! Creia, mais nua do que há pouco me sinto eu agora, coberta como estou e aqui onde a sombra nem lhe deixa ver meu rosto! ... Porém sua alma vê o que fui e o que sou, e tenho vergonha!”

Por amor a Paulo, Lucíola renunciou à vida, às tentações, à facilidade econômica e foi morar no subúrbio, onde depois de um aborto, morre, não sem antes contar sua triste história a Paulo e trazer sua única irmã para deixá-la sob os cuidados do amante. Paulo encerra a narrativa dizendo ; - “Ana, a irmã de Lucíola, casou há dois anos. Vive feliz com seu marido, que a ama como ela merece. É um anjo de bondade; e a juventude realçando-lhe as graças infantis, aumentou a sua semelhança com a irmã; porém falta-lhe aquela irradiação íntima de fogo divino. Almas como as de Lúcia, Deus não as dá duas vezes à mesma família, nem as cria aos pares, mas isoladas como os grandes astros destinados a esclarecer uma esfera.”

Paulo guardou com ele alguns fios da trança de cabelo de Lucíola no momento de lhe dizer adeus.

Lucíola é uma cortesã que se humaniza e se torna uma mulher pura . É uma história romântica, cheia de orgasmos, de carne e de culpa. Finda na morte de Lucíola, o castigo dos mortais. Como se o autor quisesse punir a mulher por tanto pecado. Bela. Lucíola era bela, mas promíscua e o autor revela nas entrelinhas o preconceito da sociedade da época com as mulheres, ditas, “fáceis”. Ela conseguiu amar para ser perdoada por tantos pecados.

“Os mortos constituirão o reino do amor eterno, pois unicamente os vivos conhecem os abismos e as tentações do ódio. Os mortos invocam o amor mais além da tumba e mais além de toda reciprocidade (Steckel, 1962, p.123).

“Diva” foi outro romance de Alencar da fase urbana. Escrito em 1864, tinha como personagem principal Emília, uma rica herdeira a quem Augusto, um doutor recém formado, salvou de uma pneumonia dupla e, mais tarde, por ela se apaixonou. O romance recebeu o nome “Diva”, de origem latina, significando Divindade, Deusa, mulher Formosa, dada à beleza singular da personagem. Como na época era comum, Emília era pudica e pura mas, voluntariosa. Sua mãe havia morrido cedo e ela fora criada pelo pai milionário. Cedo, Emília

acostumou-se a exigir o que, como, e de quem queria o mundo. “Emília não valsava; nunca nos bailes ela consentiu que o braço de um homem lhe cingisse o talhe. Na contradança as pontas dos seus dedos afilados, sempre calçados nas luvas, apenas roçavam a palma do cavalheiro: o mesmo era quando aceitava o braço de alguém. Emília não consentia que a manga de uma casaca roçasse nem de leve as rendas do seu decote.” Esses gestos eram também um modo de Emília chamar atenção para si. Um modo diferente de ser. “Frequêntava as reuniões de D. Matilde (uma tia de Emília, irmã de seu pai) um moço oficial de marinha, o tenente Veiga. Tinha uma nobre figura e o cunho da verdadeira beleza marcial. Era um dos mais ferventes adoradores de Emília. Tirando-a para dançar uma noite, ela ergueu-se e ia dar-lhe o braço; mas retraiu-se logo e tornou a sentar. - Desculpe-me. Não posso dançar! -Por que motivo, D. Emília? Ela calou-se; mas fitou-lhe as mãos com olhos tão expressivos que o moço compreendeu e corou: -Tem razão. Tirei as luvas para tomar chá e esqueci-me de calçá-las.”

Todas essas esquisitices, longe de espantar admiradores mais os atraía. Por quê? Segundo Fisher, em seu livro *Anatomy of Love* (1992) p. 47, um dos mecanismos mais importantes pelo qual os seres humanos se atraem por uma pessoa em particular pode ser o que o sexólogo John Money denomina de mapa amoroso. Segundo o autor, as crianças desenvolvem esses mapas amorosos entre cinco e oito anos de idade e são determinados pelos relacionamentos com a família, amigos, assim também como por suas próprias experiências e oportunidades. Algumas características de temperamento de nossos amigos e parentes nos atraem; e outras, associamos a incidentes perturbadores. Assim, pouco a pouco, essas memórias começam a formar um padrão mental em nossa mente, um modelo subliminar do que nos agrada e do que nos desagrada. À medida que crescemos, esse mapa inconsciente toma forma e a proto-imagem do parceiro ideal começa a emergir.

Emília representava para os homens da época o ideal de mulher: bonita, rica, sociável e pudica, requisito importante na educação do século XIX, quando as mulheres da sociedade eram educadas para a família e os homens brasileiros tinham modelos portugueses na cabeça, antiquados, se comparados ao resto dos europeus. A época em que o romance se passa é uma época conturbada, pré- república. Segundo

Safiotti, (1975) p. 205, no livro “A mulher na sociedade de classes: mito e realidade”, nos dois decênios que antecederam a proclamação da república era intensa a agitação de idéias, diretamente inspiradas no liberalismo e cientifismo estrangeiros, que, desta maneira equacionavam as mudanças exigidas pela estrutura social brasileira. Neste contexto histórico, a igreja Católica representou o pensamento conservador, desdobrando seus esforços por manter a ordem, na qual seus interesses haviam sido investidos. Na velha linha de confinamento da mulher à família, Sá e Benevides (1887) nega-lhe qualquer participação política ou administrativa, invocando razões de caráter moral e social.”

No livro, não há qualquer alusão aos estudos de Emília, mas sempre à sua vida social. As famílias nobres da época, importavam os costumes europeus mundanos de reservar um dia na semana para serem visitadas pelas outras famílias da classe dominante. E assim Dr. Augusto se encontrava semanalmente com Emília na casa de sua tia. Emília humilha o Dr. Augusto constantemente. Ignora-o. Faz de conta que ele não existe, enquanto Augusto a tem permanentemente na mente. Ele confessa ao amigo Paulo, a quem confia sua história (o romance é uma carta escrita a esse amigo a quem ele conhece numa viagem de navio a Pernambuco) “Pouco tempo depois sabes que fui à Europa, onde me demorei perto de dois anos. Fizemos juntos até Pernambuco a viagem, de que nasceu a nossa boa e sincera amizade. Se não me engano, em nossas conversas íntimas a bordo falei-te alguma vez dessa família, mas sem as particularidades que refiro agora. Então ainda a luz intensa da paixão, que veio depois, não tinha debuxado, como estereótipo nas lâminas do coração, a imagem viva dessa menina.” Mas o que é a paixão? Segundo Lebron, num artigo sobre “O conceito de Paixão” (1987), “a paixão é sempre provocada pela presença ou imagem de algo que nos leva a reagir, geralmente de improviso. Ela é então o sinal de que vivemos na dependência permanente do outro”. “Entendo por paixões”, diz Aristóteles na *Retórica*, “tudo que faz variar os juízos, e de que se seguem sofrimento e prazer”. Fisher (2008) p.21 no seu livro “Por que amamos”, diz que “uma das primeiras coisas que acontecem quando você se apaixona é que você vive uma mudança drástica na consciência: seu objeto de amor assume o que os psicólogos chamam de significado especial. Seu amado torna-se singular, único e suma-

mente importante. Como disse um enamorado, - “Todo o meu mundo se transformou. Eu tinha um novo centro, e este centro era Marilyn”. Romeu, de Shakespeare, expressou este sentimento mais sucintamente dizendo de sua adorada: Julieta é o Sol.”

Sobre paixão escrevi uma poesia que gostaria de ler para vocês:
A Paixão A paixão é mão que doa./ É pássaro que voa/ e pousa leve sem machucar./ Ela vem vindo como o mar/ vai e volta, volta e vai/ e destrói e refaz/ o que estava calmo /e tranqüilo.// A paixão é um vulcão/ que explode e vomita/ fogo pelas ventas, pelas/ mãos e pelo olhar./ É impaciência dos que/querem o amado ao lado/é a luz que brilha/nos olhos do apaixonado.// A paixão é luar crescente/é o sol brilhando no nascente/é a dor de quem está doente/é suplício que não chega ao fim.//É pedir o amado assim, assim/É grito de guerra com outro lado, sim.//Paixão é ser-se rico, sendo-se pobre/é derramar luz por entre as mãos./e dizer mais sim que não./É não pensar em tempo, em hora./É jogar o mundo fora,/ por um momento de fogo/ por um momento de ais.//A paixão emite sinais/de força e de fraqueza/mas cá para nós, é uma beleza/quem diz: sou só paixão.//

Augusto era louco de paixão por Emília. Perdoava seus maus tratos, perdoava seu mau humor, sua frieza. “Que horas encantadas vivi repassando na memória os seus desdêns! Agora eu os compreendia: eles me revelavam a tormenta de uma paixão nascente, que tolda a manhã da vida, como as tempestades dos primeiros dias do ano. Ela tinha medo de amar-me... Talvez amava-me já, resistindo ainda!” Em outra passagem, Augusto confessa a Paulo: “ As vicissitudes de frieza e indiferença com que Emília me tratava não tinham nada que se parecesse com o jogo bem conhecido das moças loureiras, que desdenham quem as persegue e procuram quem as foge.” Contudo, Emília inverte o jogo quando Augusto cansado de suas grosserias e de sua frieza confessa que não a ama, mas a deseja por sua riqueza.- “... embora ambicioso, eu não estou disposto a sacrificar à riqueza minha felicidade; seria um absurdo, pois se eu quero ser rico é para ser feliz.

- E como pretende conciliar isto? Deve ser curioso. Responde -lhe Emília.

-É agora que eu preciso de toda a sua indulgência; vendo-a quando voltei da Europa, senti-me atraído para a senhora por uma

inclinação que eu considerarei amor; e essa inclinaçãonão devo ocultar coisa alguma para minha maior vergonha... essa inclinação aumentou involuntariamente quando soube que os negócios do Sr. Duarte (o pai de Emília) tinha prosperado por tal forma que ele era, se não o maior, um dos maiores e mais sólidos capitalistas da praça do Rio de Janeiro... Não sei se devo continuar!...

- Por que não, doutor? Eu estou ouvindo-o com um prazer imenso!

- Mas eu me acanho..

- É modéstia própria dos homens de talento, que sabem viver. Mas nós nos conhecemos!

- Bem; eu continuo... Disse-lhe que a amava já muito, mas isso não era nada em comparação do que senti depois.. Um dia , alguém, creio um corretor, assegurou-me que o Sr. Duarte era nada menos que milionário... duas vezes milionário...

-Ah! Eu ignorava!

-Pois saiba que é. Viúvo, só com dois filhos... pensei eu.. Então D. Emília terá um milhão do dote! Um milhão! Desde esse momento meu amor não teve limites; tornou-se uma paixão digna de Romeu, de Otelo, dos mais celebrados heróis de dramas e romances. Como sua formosura então revelou-se resplandecente aos meus olhos!... Eu compreendi nessa ocasião os poetas que eu não compreendera nunca, e as suas comparações minerais.. Vi que seus dentes mimosos eram realmente pérolas de Ceilão, seus lábios rubis de Ofir, e seus olhos, diamantes da melhor água! Sua voz argentina tinha aos meus ouvidos essa melodia inefável, que nem ouro, a senhora bem sabe, a lira de Orfeu deste século! ...Oh! Que paixão, D. Emília! Era um delírio.. uma loucura.. Foi então que eu não pude mais resistir e confessei-lhe que a amava!

Emília ergueu-se rápida: - Ah ! Compreendo agora!...

Como não fiquei ao ver aquela mulher, exultando de júbilo e orgulho ali, em face de mim, que pensava tê-la afinal humilhado com meu frio sarcasmo.”

E ainda mais, quando Augusto depois de receber diversos insultos de Emília, agarra-a pelos pulsos e a prosta de joelhos a seus pés, como se a quisesse esmagar: “Criança e louca” e ela, num gesto estranho, confessa que o ama, pedindo perdão. “Perdão, Augusto! Eu

te amo!” Foi quando ele apavorado, foge diante da visão sinistra. No dia seguinte, Emília lhe escreve uma carta amorosa e suplicante onde diz: “Quero guardar-me toda só para ti. Vem, Augusto: eu te espero. A minha vida terminou; começo agora a viver em ti.” E nesse ponto, ele finda a missiva para Paulo: “Enfim Paulo, eu ainda a amava! Ela é minha mulher.”

Estaria Augusto dizendo que casara com ela? Ou reconhece que ela é a mulher que ele procura na vida? A narrativa de Alencar termina aí.

Julgue quem puder e souber essa mulher contraditória : Emília, figura principal de “Diva”, uma mulher que só capitulou quando foi espezinhada, humilhada e insultada pelo amado. Quando escutou o que não queria escutar : a negação de um amor que ela tanto desprezara.

O que dizer das duas mulheres retratadas: Diva e Lucíola? Dois temperamentos: a pudica e a cortesã. Dois destinos: o casamento e a morte. Duas realidades: o sol e as trevas. Duas verdades: o sofrimento e a felicidade. Dois finais: o prêmio e o castigo. Diva e Lucíola, mulheres lindas, jovens, desejadas, mas com destinos diametralmente opostos. Enquanto Diva ganhou o amado, Lucíola o perdeu. Enquanto a vida começou para Diva, essa bênção divina terminou para Lucíola. Enquanto o sol brilhou para Diva, a noite caiu sobre Lucíola.

Sobre muitas mulheres, Alencar escreveu: “Iracema”, a virgem dos lábios de mel; Aurélia de “Senhora”, Carolina de “A viúvina”; Lúcia ou Lucíola ou ainda Maria da Glória o verdadeiro nome do personagem central de “Lucíola”; Emília do romance “Diva”. Mulheres jovens, casadoiras, belíssimas que passeavam na agitação da rua do Ouvidor e nas festas do Outeiro da Glória. Mulheres inteligentes que liam Dumas e frequentavam teatros. Detalhes da cultura da época eram desfiados nos romances de Alencar, a moda de uma cidade, capital do Império, o Rio de Janeiro, que engatinhava no progresso com artigos importados, que imitava os europeus mas que subestimava o intelecto das mulheres. Alencar retratou uma época, os costumes, as manias do povo brasileiro do século XIX. Por tudo que escreveu, por tudo que retratou, por tudo que nos ensinou, é com justiça que o consideramos o maior escritor prosador do Romantismo Brasileiro.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- ALENCAR, J. Lucíola.** Editora FTD, São Paulo 149 pp. 1991.
- ALENCAR, J. Diva.** ABDR. Editora Afiliada. 2007. p p.143.
- ARISTÓTELES.** *Rhétorique* , II, 1378a 20.
- FISHER, H.** *Anatomia do amor* - a história natural da monogamia, do adultério e do divórcio. Editora Eureka, São Paulo 1992. p.48. 439.
- FROMM, E.** *Ter ou ser?* Editora LTC. 1976. pp.202.
- SAFIOTTI, H, I, B.** *A Mulher na sociedade de classes: mito e realidade.* Editora Vozes, São Paulo. pp.383. 1979.
- SÁ e Benevides, J.M.C.** *Filosofia Elementar do Direito Público, Interno, Temporal e Universal.* Tip. Baruel, São Paulo, 1887, p.19.